

O TRABALHO DOS PESCADORES DA COLÔNIA Z3 D'ÁVILA, Ana Paula Ferreira¹

TORRES, Isadora de Leon²

VARGAS, Francisco B. ³

1. Acadêmica do 8º Semestre do Curso de Ciências Sociais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: anapauladavila88@gmail.com
2. Acadêmica do 8º Semestre do Curso de Ciências Sociais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: isadoratorres@hotmail.com
3. Professor associado do Instituto de Sociologia e Política da UFPEL, doutor em sociologia. E-mail: fvargas@via-rs.net

1. INTRODUÇÃO

A pesca artesanal constitui um objeto de estudo complexo, sendo influenciada por determinantes ambientais, culturais, socioeconômicos e técnico-produtivos. A combinação destes determinantes com as variáveis tempo e espaço produz, para cada localidade, uma diversidade de formas através das quais os pescadores artesanais buscam interagir com a natureza e extrair dela seu sustento.

Propomos a discussão da categoria trabalho e do trabalhador na pesca artesanal na Colônia Z3 em Pelotas/RS. A atividade pesqueira artesanal remunerada é de suma importância para a população que vive em áreas propícias para tanto, pois várias famílias retiram seu sustento ao longo de muitos anos e até gerações. Sendo assim, a pesquisa é relevante na medida em que considera esses aspectos e pretende contextualizar, através de suas implicações teóricas e práticas, a profissão de pesca artesanal no mercado de trabalho atual.

Como hipótese, sugere-se que há um tipo específico de solidariedade social entre os pescadores artesanais, denominada por Durkheim (1973) de solidariedade mecânica, que permite que essa atividade se sustente e se mantenha em termos econômicos, sociais e culturais. Para Durkheim, a racionalização econômica típica das sociedades industriais fez surgir um novo tipo de solidariedade. O autor procura demonstrar que a crescente especialização do trabalho, trouxe uma forma superior de solidariedade, e não de conflito. Antes desse processo de racionalização econômica, o que prevalecia era a solidariedade mecânica, muito comum nas sociedades menos complexas, onde o que une as pessoas não é o fato de uma depender do trabalho da outra, mas o compartilhamento de um conjunto de crenças, tradições e costumes comuns. Com a especialização do trabalho, surge uma nova

forma de solidariedade, a solidariedade orgânica, onde o que une os indivíduos é a interdependência das funções sociais, em virtude da divisão do trabalho.

Na modernidade ocidental, com a dinâmica da acumulação capitalista, houve transformações significativas no mundo do trabalho. Para Castel (2001), mais recentemente, a flexibilização produtiva bem como sua reestruturação, enfraqueceu o trabalho e a relação salarial enquanto mecanismos através dos quais se assegura proteção e direitos. Essa é a nova questão social: a saber, a desfiliação, precarização, pois as atividades não reconhecidas se tornam excluídas quando não se consegue assegurar as condições do trabalhador.

Segundo o autor, o trabalho é mais do que uma atividade remunerada e, portanto, o não-trabalho é mais que o desemprego. Dessa forma, o trabalho não pode ser tomado como uma simples relação econômica, mas como algo que insere o indivíduo na estrutura social e organiza uma parte significativa de suas redes de sociabilidade. Mesmo para aqueles que afirmariam ser essa uma interpretação clássica colocada em xeque, Castel afirma que a maior prova de que o trabalho continua sendo uma referência dominante é a reação daqueles que o perdem.

Assim, o autor nos mostra que o dogma liberal que subordina tudo ao econômico pode ser subvertido. E mais que isso, demonstra que a dinâmica social reinventa o econômico e recria novas formas e possibilidades de se pensar a sociedade.

Dessa forma, o apanhado teórico das transformações no mundo do trabalho nos possibilita problematizar em que medida o trabalho da pesca artesanal produz mecanismos de proteção e integração dos pescadores; em que medida ela se relaciona com a lógica capitalista de mercado; como essa profissão, tão antiga se mantém na nossa sociedade; quais são as suas implicações práticas na vida desses trabalhadores no que tange a possibilidade de mobilidade social, qualificação, dentre outros aspectos.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Utilizamos fontes primárias e secundárias de pesquisa. Sendo assim, para a coleta de material, realizamos entrevistas semiestruturadas com o presidente do sindicato dos pescadores da colônia Z3, com um pescador associado ao sindicato e com uma pescadora. Como fonte secundária, dispomos do resultado do Censo da Pesca da FURG, bem como artigos e livros sobre a temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas pudemos constatar a existência de uma forma específica de solidariedade social entre os pescadores, visto o fato, por exemplo, de que os mesmos desenvolvem formas coletivas e solidárias de organização do trabalho. Do mesmo modo, percebemos a importância do trabalho das mulheres que são cruciais na divisão do trabalho nesta profissão. São as mulheres que limpam o peixe e o levam para comercializar. Os pescadores também vendem seu pescado para peixarias locais, visto que a maioria não possui meios para guardar e comercializá-lo.

O sentido que o trabalho desempenha na vida da comunidade pesqueira em questão transcende o aspecto econômico, pois além de suprir suas necessidades básicas, ele tem a função de organizar suas relações, sendo assim, compartilhando determinadas visões de mundo. De acordo com o presidente do sindicato, pescar é a vida da população. Ele afirma que prefere estar no mar do que cumprir 40 horas de carga horária no escritório e que essa é uma tendência da maioria.

4. CONCLUSÃO

Concluimos com a análise dos dados do censo da pesca e de nossas entrevistas de que, de fato, existem traços de um tipo peculiar de solidariedade social, denominada por Durkheim como mecânica, entre os pescadores da Colônia Z3. O trabalho na pesca é, para eles, mais do que uma atividade remunerada, ela indicada um sentimento de pertencimento coletivo. É interessante constatar que ouvimos a mesma fala do presidente do sindicato e da pescadora, quando perguntamos se preferiam receber o seguro defeso ou pescar. Os dois afirmaram que, mesmo que a safra seja ruim, para eles, pescar faz parte de suas vida, “está no sangue” como disse o presidente do sindicato.

Os pesquisadores da FURG que realizaram o censo da pesca acreditam, com base na análise dos dados, que os filhos dos pescadores não estão indo para a pesca e reafirmam a importância dos benefícios como o Bolsa Família e o seguro defeso. Tanto o filho do presidente do sindicato, como a filha da pescadora entrevistada trabalham no centro da cidade de Pelotas e abandonaram a pesca em busca de uma oportunidade melhor. Na fala do presidente do sindicato, transcrita da entrevista, apresenta o receio pelo futuro da profissão de pescador artesanal quando fala de seu filho: *“Geralmente, ele e outras pessoas que estão trabalhando fora daqui, nas férias eles vem pescar. Então tinha que ter um incentivo pra esse jovem ficar aqui. Com trabalho de piscicultura, criação de peixe, essas coisas são muito bonitas, mas são só no papel”*.

Por fim cabe observar que na sequência desta investigação outras questões devem ser analisadas, tais como a hierarquia na divisão do trabalho, como são as relações de poder no interior da comunidade, dentre outros aspectos.

5. REFERÊNCIAS

- CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário**. Petrópolis, Vozes, 2001 p. 21-37; 41-47; 277-280; 593-610;
- _____. **As transformações da questão social**. In: BELFIORE-VANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C. Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 2000. P.235-264;
- DIEGUES, AC. 1983. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo. Editora Ática. *Ensaio*: p 94. 287;
- _____. 1988. **A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência**. Pescadores artesanais – entre o passado e o futuro. *FASE*, no 38, p 74;
- DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do trabalho social**. In : Col. Os Pensadores. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973.